



(Registrado no D.N.I.)



Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDATORES

J. Silva Villela
Helena Wronski
William Callia
Vicente Amato Netto
Victor Nussenweig
Joseph Feher

Red. Chefe Matinas Suzuki

Diretor — WALTER BELDA
Red. Secretário - Adhemar Fiorillo

Red. Tesoureiro - J. Silva Villela

Ano XVI

SÃO PAULO — SETEMBRO DE 1948

Numero 54

Perda Irreparável

Francisco de Paula Neves Filho

A Faculdade de Medicina de São Paulo foi tristissimamente surpreendida e fundamentamente golpeada com a infausta perda de JOSE' ORIA, filho espiritual dessa gloriosa entidade e um dos mais operosos e completos elementos de seu modelar ensino.

Conquanto esperado êsse irreparável desenlace, foi imensa e profunda a mágua causada no quadro de professores, docentes-livres, assistentes, amigos e funcionários, os quais constituem uma aureola de grande amizade e viva simpatia e envolviam a sua personalidade.

Diplomado, José Oria, durante o longo lapso de quase 25 anos, empregou toda sua proveitosa atividade ao laboratório, produzindo trabalhos de inestimável valor sobre variados assuntos, dos quais justo será salientar aqueles versados sobre "Hematologia", tema do qual era mestre inconfundível e insigne.

Releva notar que êsses trabalhos foram conseguidos no ambiente calmo e sereno do laboratório, após paciente e beneditina pesquisa, mas ora estão, pelo juízo sereno dos cientistas, adjudicados ao longo acervo de sua produção autoral.

Formado na turma de 1923, composta de dezenas de jovens e brilhantes médicos, hoje integrados no magistério e na atividade profissional, dos quais seria justo apontar — ressaltada várias omissões ocorridas no momento — Domingos de Oliveira Ribeiro, Erasto Prado, Edmundo Vasconcelos, Oôrico Machado de Souza, Thomaz de Aquino e muitos outros, sempre foi José Oria figura de primeira plana.

O professor Lordy, venerando catedrático de nossa Faculdade, profundamente emocionado ao despedir-se de seu amado e dileto discípulo, produziu sentida oração que comoveu até às lágrimas todos os presentes.

Ao descer o corpo de Oria á sepultura, falou o ilustre professor Renato Locchi, diretor da Faculdade, que pronunciou sentido necrológico exaltando o grande valor científico e as peregrinas virtudes de coração do saudoso extinto.

Causou viva emoção o discurso do eminente mestre e "dara venia",

aquí trascreveremos um dos seus trechos: "Não só como Diretor da Faculdade manifestamos nossa mágua pela perda que hoje soiremos, esperada mas nem por isso menos sentida, mas também como amigo que quer ter aconvicção plena de haver, ao menos parcialmente, surpreendido o íntimo de José Oria. Testemunhamos os seus primeiros passos na carreira universitária: ao findar uma tarde de 1926, chega-se êle ao limiar do singelo e operoso gabinete de Bovero, então no prédio da Rua Teodoro Sampaio. Uma pergunta do Professor, pronta resposta de Oria, e surge daquela rápida conversa, o motivo de sua tese de doutoramento, e com esta, o início de sua ascendência na pesquisa e particularmente na Hematologia; tese sugerida e orientada por Bovero, de quem adquire o rigoroso método de estudo. Consequência: entendimento mútuo e penetração de Oria no espírito de nosso mestre comum, compreensão que se manifesta em toda a sua vida, e se entrevê ainda no seu artigo" "Bovero redi-vivo". Sua vida integralmente dedicada, e com entusiasmo, ao estudo, ao ensino, á Faculdade. Viveu admirado pelos estudantes, que sabia atrair; respeitado e temido, como um forte, pelos maus e invejosos; querido pelos amigos que bem sentiam toda nobreza de seus sentimentos. Foi cruel o destino na sua indiferença. Perda grave e irreparável; há vazío em torno!"

Não sómente em São Paulo foi pranteado o prematuro falecimento de José Oria.

O "XI Congresso da União Nacionas dos Estudantes", realizado em Julho último, no Rio de Janeiro, fez constar na ata de seus trabalhos, um voto de grande pesar pela perda do inditoso médico e cientista, através da fluente e brilhante palavra do acadêmico Walter Belda, representante dos alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Lamentando sinceramente o falecimento de José Oria — perda irreparável — aquí ficamos comovidos e envoltos no mais vivo pesar, mas sempre dispostos a imitar o impecável exemplo que nos deu para a grandeza de nossa gloriosa Faculdade.

Monteiro Lobato



Era eu ainda moleque, um caipirinha despreocupado da vida, a sóla cascuda dos pés sempre descalços pizando insensível a terra ardente, a cabeça suja e descabelada exposta ao sól inclemente, correndo a pegar lindas borboletas com a peneira ou chutando bola de meia com a macacada, sempre esquecendo o bebê no caixão de querosene que duas rodas e um cabo pretendiam transformar em carrinho. Levava "pegas" e puxões de orelha da minha irmã e "pitos" da professora na escolinha da vila e dava tiros com garruchas feitas de canos de guarda-chuva carregados com pólvora FFF e chumbo fino.

Foi nessa época, eu bem me lembro quando um compadre de papae — o farmacêutico do lugarejo, velhote rochunchudo como uma pipa e vermelho que nem pimentão — deu-lhe um almanaque. Almanaque e folhinha são coisas que todo trabalhador de roça pede ao seu boticário. Aquêlo porém era diferente dos outros. Trazia uma historieta ilustrada de fío a pavío, falava de um caboclo magro quel p-de eucalipto, os pés expondo no desabrigo os dedos hichentos, o corpo coberto por trapos de camisa e calça e a cabeça cabeluda sustentando um chapéu furado...

Ver aquêlo amarelento magricela transformar-se num homem corado e forte, depois que a erva-de-santa-maria matou-lhe os bichos das entranhas e o sapatão 44 enluiu-lhe os pés, vê-lo dar murros em onça, deixar o vizinho italiano de queixe caído do vê-lo pan, pan e pan a derrubar o mato e plantar a roça, vê-lo enriquecer e sair fazendo propaganda da maravilhosa erva-de-santa-maria e da utilidade das botinas, vê-lo enfim fazendeiro e feliz, com mulher e filhos, em meio de porcos e galinhas todos de botinhas!... era coisa que divertia o meu coração de garoto, talvez por ter sido a primeira história que me caíra ás mãos, talvez porquê no lugarejo não havia cinema, talvez porque não conhecesse os "Gibis" e Cia. Talvez. O fato é que nunca mais me esqueci da história do Jeca Tatú. Porém o sentido dela, o drama colossal e bem brasileiro que ela representava, só muito mais tarde fui percebê-lo. E mais. Menino ainda, o meu cérebro então virgem, nem pensou no autor daquilo.

Talvez nem o almanaque o troucesse...

Anos passaram. Entrei no Ginásio. Vasculhava certa vez a semi- (Cont. na 6.a página)

O Presidente Responde a Matinas Suzuki

Colega Matinas Suzuki:

Tão somente aguardei a publicação de mais um número deste nosso jornal para responder à sua carta que me foi dirigida através do último exemplar saído em junho. Surge-me agora o ensejo de manifestar minha opinião sobre o que disse o colega na coluna a mim dirigida. Com efeito, apenas uma coluna me diz respeito pois, a outra, ocupada com metade de sua carta contém uma introdução na qual o colega conceitua o bom crítico e faz referências a um ex-presidente do Centro, assuntos a que propositadamente deixarei de referir-me. Aqui, é claro, só falarei visando responder, e isso porque desejo ser suscinto afim de não ocupar muito espaço neste papel de tão alto preço... Dito, passo à resposta.

De início, diz o colega que, como Presidente de Centro, estou “seguindo as pegadas” daquele que no ano passado aparecia “esporádica e sorrateiramente no porão, incapaz de despertar a atenção do mais tolerante dos nossos colegas”. Tal afirmação, colega Matinas, e, simplesmente, uma inverdade ou então o produto de observação defeituosa do colega. Sem temores afirmo-lhe, e meus próprios companheiros de Diretoria podem dizer-lhe, que raríssimos foram os dias em que deixei de comparecer à sede do Centro, pondo-me a par de todas as iniciativas e do movimento não pouco intenso havido este ano. Quanto ao “incapaz de despertar a atenção do mais tolerante dos nossos colegas”, devo lembrá-lo de que numa das assembleias do Centro fui obrigado a pedir aos universitários desta Faculdade que evitassem vir individualmente saber de mim o andamento das questões debatidas, afim de não ter eu que repetir a mesma coisa cem vezes por dia, pois, os mínimos detalhes eu lhes daria nas assembleias, e pedir ainda que não dessem tanta importância à minha opinião sobre determinados aspectos do assunto, pois, ela pouco valia, dado ser eu um mero executor da vontade do corpo discente da Faculdade de Medicina. Tal fato é prova inofismável, colega Matinas de que sou abordado quasi que diariamente que não só me pedem as novidades por grande número de colegas como insistem em saber qual a minha opinião a respeito dos problemas em foco. Costumo atendê-lo sempre com solicitude e mesmo com prazer, observando apenas que alguns de mim nunca se achegaram, não sei si por timidez constitucional ou por sentimentos outros que não me cabe perscrutar...

Pergunta o colega a seguir “onde estão as realizações” e, mais adiante, fala na necessidade de se fazer “algo de vulto, para o bem do estudante”. Aqui, nobre colega, não vou fazer um relatório dos trabalhos realizados pela diretoria atual, o que seria prematuro, uma vez que estamos ainda em meio do caminho. Mas permita-lhe que diga não reputar como “autênticas quinquilharias” as melhorias na sede do Centro (instalação da sala de esportes e da sala de reunião na sede nova); a instalação do outrora tão reclamado e mesmo implorado telefone de linha direta; a instalação da sala da Presidência do Centro (e isso sem prejuízo da entrega, ao “Bisturi”, já há cerca de dois meses, da sala necessária a que o jornal se localize definitivamente); o aumento

do número de beneficiados pelos talões de refeições do H. C. que permite agora a cerca de cem colegas fazerem suas refeições a preço bastante reduzido; o desconto nas entradas de cinema também aos feriados e domingos; os descontos nas passagens de avião em quatro companhias de navegação aérea; a vitória do Centro na eleição do representante dos alunos no Conselho Universitário; a idéia, cuja concretização já foi iniciada, da Farmácia do Estudante; o abono das nossas faltas no primeiro semestre; a satisfação de velho sonho dos estudantes de medicina — frequência livre às aulas teóricas; o apóio decidido e objetivo que demos ao C. A. de Janeiro na questão da greve; e a campanha moralizadora do ensino que lançamos no início do ano contra as transferências, colocando o Centro em projeção no meio universitário de São Paulo e do Brasil. Não quero prosseguir em citações, pois disse não ser este o momento para a feitura de um relatório. No entanto, lembro ao colega que tais trabalhos não são exclusivamente de quem lhe responde, são da Diretoria de 1948 do C.A.O.C. que vem, até agora se desempenhando com dedicação, sem dissensões e incompreensões mútuas. Gostaria que o colega, antes de se referir ao que é realizado com dedicação e mesmo com sacrifício como “quinquilharias e “coisinhas”, fizesse um estágio na direção de um Centro Acadêmico para sentir as inúmeras dificuldades que se tem de enfrentar. Nesta época, falta-nos até o apoio dos poderes competentes, que vivem situações aflitivas devido à situação conturbada do mundo político-social de nossa terra. Depois desse estágio, talvez o colega Matinas perdesse a disposição que o moveu a, num arroubo de incontido entusiasmo, pretender “reduzir a zero”, com uma coluna de jornal, um trabalho que naquela época mal se iniciava. O colega aventurou-se a uma crítica bastante prematura, pois, em maio estávamos tão somente no início da gestão, articulando ainda os quadros da Diretoria que se deveriam pôr em ação. Em quatro meses de gestão, dois dos quais decorridos nas férias do princípio do ano, não poderia o colega pretender que tudo já estivesse feito ou mesmo encaminhado. Repito, pois, sua crítica pecou pela precipitação e pela incompreensível prematuridade.

Em outra passagem de sua carta o colega critica a falta de programa da atual Diretoria. Na verdade, não traçamos programas quando candidatos e não seguimos programa em nossa gestão. Preferimos realizar na medida das necessidades e de acordo com as possibilidades surgidas. Programa no momento em que vivemos seria utopia. Sofremos de um mal camum a todas as instituições nacionais: situação financeira precária. E só com verba se pode traçar e cumprir programas. Pensaríamos de outro modo se, quando levados à Presidência do Centro fôssemos inexperientes e acalentássemos sonhos irrealizáveis.

Cumpra-me ainda repêir — e faço-o mesmo com veemência — sua insinuação de que “paira atmosfera de tensão” dentro da Diretoria. O colega está redondamente enganado: os diretores do Centro, de 1948, mantêm entre si as melhores relações de cordialidade e recíproco respeito e nunca se negaram a necessária colaboração para o êxito das iniciativas que tomei.

Chego agora, prezado colega, ao ponto nevrálgico de sua tão sentida manifestação: a questão da sala pa-

ra o “Bisturi”. Não posso deixar de transcrever aqui suas expressões a esse respeito: “... o meu caro Presidente se apropriou sem a mínima consideração, sem a mínima justificativa, da sala destinada ao “O Bisturi”. Uma autentica arbitrariedade muito significativa em que vive frizando, sempre que tem oportunidade, o seu espírito liberal” O que está acima, entre aspas, só tenho a lamentar. Dentre as qualidades que deve possuir o crítico, algumas se me afiguram primordiais: o equilíbrio, a prudência e, sobretudo, a propriedade de linguagem. E no que aí está, caro colega, nada disse se vê. A verdade é que não me apropriei da sala que o colega sabe não ser minha, bem como não é de minha posse a mobília que lá está. Tão somente fiz ocupar, com o assentimento da Diretoria, uma das salas existentes no Centro, com a referida mobília que, embora de um valor monetário bem grande, estava exposta no “hall” da sede nova, no mais completo abandono, o que lhe valeu sérios prejuízos ainda facilmente verificáveis. Não me apropriei da sala, colega Matinas, por que a minha gestão se encerrará em dezembro e a sala e a mobília aí ficarão, como patrimônio do Centro que constituem. Não me consta que aquilo que lá está seja de minha propriedade, ou mandado fazer exclusivamente para o meu uso e minhas comodidades, pois que há muito se fazia sentir a necessidade de um local adequado e composto, onde se pudesse receber qualquer visita e onde se pudesse ao menos sentar para despachar o expediente diário do Centro. Agi de tal maneira, instalando uma sala para a Presidência do Centro, porque não quize que se repetisse o disabor que tivemos no ano passado quando uma embaixada de estudantes uruguaios nos visitou e eu mesmo, então representando o Presidente do Centro, tive de recebê-los de pé e com eles palestrar entre as mesas de sala de xadrez. E’ como disse mais atrás: o colega Matinas devia criticar com conhecimento de causa, isto é, sentir as necessidades reais da vida de uma entidade, para aprender a ser mais equilibrado em suas críticas, sinceras, não nego, mas, por vezes excessivamente imprudente. Dizer-se que pela atitude em questão demonstro não ser liberal, é simplesmente infantil. Perguntaria ao colega qual o seu conceito de liberalidade. Quanto a mim, reputo-me liberal porque assim o demonstro em minhas atitudes; porque ao assumir a Presidência do Centro chamei a colaborar comigo os próprios adversários de ontem; porque reuni, no círculo reduzido dos que ocupam cargos, colegas de todas as orientações políticas; filosóficas e religiosas; porque a todos, indistintamente, trato com igualdade, dando-lhes oportunidades para que apareçam, sem guardar ódios e rancores e sem pretender usar de vingança para com os que, na minha longa carreira político-acadêmica ora em ocaço, alguns dessabores e máguas me propiciaram. Porisso sinto-me e reputo-me liberal e, sinceramente, acho ridículo que alguém de sã consciência pretenda sacar contra essa minha qualidade, alegando um fato pueril, banal, qual seja a instalação da sala da Presidência, medida que atendeu a incontestada necessidade do Centro. Quanto à promessa que fiz no princípio do ano, de dar ao “O Bisturi” uma sala, para a qual o colega, em sua carta de maio já clamava cumprimento, foi cumprida: o “O Bisturi” tem sua sala, cedida em

tempo, isto é, desde há dois meses, na sede nova, sala vizinha àquela onde se encontram atualmente instalados os troféus esportivos. Mais uma prova, pois, de sua precipitação em criticar.

Prosseguindo, quero transcrever outro trecho do colega, quasi ao fim de sua carta: “Estou convicto, ao parar por aqui, que muitas coisas mais graves existem, faltas cometidas pelo Presidente, mas que o Coruja, por não andar empoleirado pelas dependências do Centro, naturalmente desconhece”. Lendo isso, sinceramente, uma vez que o conheço, concluí logo que o colega não relêra o escrito, pois em matéria de contrasenso, é o que já ví de melhor. O colega afirma categorica e claramente que está convicto da existência de coisas que desconhece. Como adquiriu, então, essa convicção? Para responder, digo-lhe o seguinte: si alguém tiver conhecimento de alguma falta grave que eu haja cometido em todo o tempo que pertenci ao Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, solicito por este meio a essa pessoa peça imediatamente uma assembleia geral e traga o fato à luz. Tal fato ficando devidamente comprovado, estenderei minha mão à palmatória. E’ preciso, pois, que os meus pretensos acusadores, isto é, aqueles ou aquele que talvez lhe falou por metáforas tenha a dignidade suficiente para deixar o anonimato e vir face a face acusar-me e comprovar suficientemente sua acusação. Dito isto, parece-me, colega Matinas, respondi ao que ficou dito em sua carta. Seria impossível, de minha parte, no momento, maior demonstração de uma consciência limpa e tranqüila.

Antes de terminar, o colega fala ainda, em sua carta, na necessidade de uma obra de vulto. Estou de inteiro acôrdo. Nenhuma obra de vulto, porém, o colega espera no momento por que qualquer iniciativa desse teor é simplesmente impossível. Falta-nos o essencial: falta-nos verba e não há meios de obtê-la. Só se o colega se refere a obras de fachada e então direi que nem mesmo essa, pois, são contrárias ao nosso espírito.

Quanto ao “prestígio periclitante” do estudante, a que se refere o colega, tenho a dizer-lhe que sua asseção foi inoportuna e não reflete a verdade. Os universitários ainda há pouco deram sobeja demonstração de seu prestígio quer na luta contra o Projeto de equiparação de práticos de farmácia, quer na luta pela libertação do Petróleo Nacional. E nas duas campanhas pontificou, visível, incontestado mesmo, o respeitável e prestigioso nome do C. A. “Oswaldo Cruz”.

Por último diz o colega: “a função do Presidente é a intransigente defeza dos interesses dos estudantes; e você, caro Presidente, está sem escudo e sem arma para a defeza. “E eu lhe respondo sem hesitação: tenho perfeita noção dos meus deveres e mais do que nunca estou suficientemente armado para defender minha posição e justificar minhas atitudes aqui na vida interna do Centro e fora em qualquer oportunidade a que me chamarem. Creio, mesmo, que durante o semestre passado várias vezes demonstrei possuir escudo e arma para defender quer o meu nome quer a própria dignidade de uma associação de classe como a que tenho a honra de presidir.

Neste ensejo, apresento ao colega protestos de profunda consideração. São Paulo, 20 de agosto de 1948.

Alvaro da Cunha Bastos
Presidente

Desonestidade

(Para as autoridades competentes lerem na cama).

MATINAS SUZUKI

Quem teve a oportunidade de assistir as sessões do IV Congresso Médico Acadêmico Inter-estadual deve ter se sentido feliz, pois viu-se ali jovens estudantes trazendo a sua contribuição pessoal, seja de caráter medico-científico ou medico-social. Tal congresso foi uma prova cabal de que os estudantes, se por vezes fazem cachopice e procedem com precipitação, sabem quando necessário, dar exemplos de dignidade e de patriotismo, incorruptos que são ainda pelo cancro que medra pelas altas camadas políticas e sociais. Era o idealismo sadio e fogaço do scorações jovens que se fez ouvir nesse conclave. De fato, vimos ali um academico analisar o grave problema alimentar do brasileiro, todo ele — seja do campo ou da cidade — hiponotrido e terminar propondo que se tomem todas as medidas necessárias para a criação de restaurantes populares; vimos um outro, que num bem feito estudo apontava as falhas do presente sistema de ensino clínico e concluía sugerindo o corretivo para esses males; vimos o academico Gumercindo que depois de uma exuberante citação de exemplos, propôs á Casa que sugerisse ás autoridades medidas coibitivas sobre a propaganda deslavada de produtos farmaceuticos. E outros mais. Dando cumprimento á promessa de apóio de “O Bisturi” ao academico D. A. “Barros Terra”, escrevo o presente artigo.

x x x

Sim, a propaganda de produtos farmaceuticos é uma questão que assume proporções graves, pois se trata da saúde de milhões de brasileiros. E com um pouquinho de exagero arrisco-me a afirmar que, nesta questão, só os médicos não são leigos. E os leigos são quase todos incautos e para incautos, não é necessário repetir dez vezes uma mentira para que ela se torne verdade. Hoje em dia, mal ligamos o rádio e... “Dores de cabeça? “Melhoral”, ou “Rodine, a boa enfermeira que não faz a dor doer”, e por aí a fóra. Nos bondes anuncios e mais anuncios: E’ o “Phymatosan” que torna os pulmões fortes... é a “Pomada de São Sebastião” para feridas, eczemas, frieiras, espinhas no nariz ou no rosto, queimaduras e picadas venenosas... é a “Agua Inglesa Granado” para anemia, impaludismo e convalescença, e que na “Caretta” diz ser “Tônica, aperitiva e fortificante”. Mas isso é fichinha em comparação com a coleção de recortes que tenho á disposição dos prezados colegas.

Vejamos os trechos de algumas delas, pois transcreve-las “in totum” seria ocupar todas as paginas de “O Bisturi”. “Sua Gordura não é apenas Deselegante... Elimine as causas da obesidade”. A causa apontada é o mau funcionamento dos intestinos... Uma pequena dose de “Saes Kruschen” pela manhã em jejum, resolve o problema... O pior de tudo, porém, é que na “Carioca” esse mesmíssimo “Saes de Kruschen” previne a hipertensão... “Tosse, bronquite, asma, catarro, gripe, fraqueza pulmonar?” Satosin. E agora, três anuncios originaes... de um mesmo produto: “Pernas Que Falem parar Automoveis...” (o anuncio está ilustrado com um par de gambitos femininos). Quem assistiu a “Aconteceu naquela noite” lembra-se da cena da estrada, em que Claudete Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que

passavam usando de várias maneiras, só o conseguiu quando mostrou as suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas, etc...” “Pernas Que a Lenda Imortalizou. As pernas femininas sempre tiveram um extraordinário prestígio na lenda ou na realidade. Assim se deu com Diana Caçadora... (o anuncio traz a dita Diana sem o classico fiapozinho de vestimentas...). Suas pernas modelares, flexiveis e elegantes têm sido louvadas por escritores e poetas, etc.”

“O Poder de Atração de Mme. Pompadour, Mme. Pompadour, a célebre favorita de Luiz XV naturalmente não teria conquistado as graças do rei se as suas pernas não fossem belas, etc. “Tudo isso para anunciar que “Hemo-Virtus” — na dose de três colheres ao dia (!) — livram as pernas de varizes. Em dose idêntica, “cura os males causados pelos mamilos hemorroidarios, inclusive os que sangram” A pomada deve ser aplicada localmente e o liquido por via oral... Ora que maravilha! Pena é que só cura varizes e hemorraida de mulheres... E mais dois apenas para terminar. “CRES-CER. Homens e mulheres, aumentem sua estatura (tambem de pernas) com aparelho medico-mecanico “Super-Stalto”. Logo depois da primeira aplicação, resultados sensíveis. Aumentos até de 16 cms. (!!!).. Milhares de atestados”. Um outro afirma a mesma coisa; só que o aparelho é U.S.A., faz tambem crescer 16 cms. e mais, engordar ou emagrecer (!) e tem patentes em 28 países (!). Mas isso ainda não é nada perto do “Batão Alginex” indicado nas dores de cabeça, gripes e resfriados, dôres reumaticas e nevralgicas, torcicolo, ciatica, lumbago, caimbras e entorses, luxações, fadigas musculares e massagens esportivas (!!!). Basta encostar o tal bastão na região afetada... Sobre o “Formode” e similares, produtos reconhecidamente nocivos á saúde, tanto quanto essas drogas que trazem no rótulo uma caveira, nem é bom falar. E ninguem protesta quando o anúncio como o do “Formodo”, indica 2 pastilhas 3 vezes ao dia. Creio que esses exemplos são mais do que suficientes para se ter uma leve idéia da propaganda desenfreada dos produtos farmaceuticos — muitos dos quais perigosos. Urge que se tome providencias contra tal estado de coisas, pois o que assistimos é um surto de panaceias, quando uma só panacéia bastaria...

Se isso continuar, daqui á pouco teremos “Produto X — cura tudo”. Não podemos exigir que todos os homens sejam honestos natos ou tenham um pouquinho de consciência. Pois foi exatamente por sermos egoistas que nasceu o Estado — “obra prima do egoismo dos homens”. E’ as nossas autoridades competentes fazem vista grossa a tudo isso, a essa senvergonheira, a essa propaganda desleal. Mais ainda, isso é um crime contra a saúde pública, um crime que precisa ter fim. Não nos interessa se nos outros países acontece o mesmo. Nós somos nós, eles são eles. E é dever nosso procurar manter sempre a nossa pátria junto com os países vanguardeiros das boas e grandes realizações. E o apóio irrestrito que mereceu a proposta do estudante carioca é a prova insofismável de que a mocidade academica do Brasil é um tôdo unico, sadio de férreo idealismo, de idealismo dinâmico. De fato, é preciso me-

ter olhos a dentro dos responsáveis, que o dar de ombros indifferente, a complascência, numa questão de tal gravidade é permitir que um grupo de mal intencionados arruine a saúde milhares de compatriotas.

A campanha contra o descalabro propagandístico de produtos medicamentosos não estaria porém completa se se restringisse a isso; e foi com prazer que ví o meu aditivo merecer a unanimidade de votos das 7 bancadas presentes. Pois que existem medicos tambem — de

idoneidade duvidosa — que dão atestados á três por quatro sobre este ou aquêlo produto. E, mais ainda, permitem a illustração dos anuncios com as suas carantonhas á semelhança do que se vê com sabonetes e artistas de cinema... Onde está a moral profissional desses facultativos? Pois é claro como, a luz do dia, que se a droga X é eficaz, os medicos a receitam, os doentes tomam sem tugir nem mugir e saíram. Para que então tais atestados de eficacia? Para o leigo? Mas que adianta o povo saber que a droga X é ótima para a doença Y? Ou será que o leigo já sabe diagnosticar seus males físicos? Evidentemente há muita coisa pôdre neste terreno e se faz necessário sanear o quanto antes, pois a podridão pode se alastrar numa epidemia semelhante ao que reina em nossa politica interna.

Isaias Raw

Se desejas a paz e a tranquilidade de espírito, crê; mas se queres ser um discípulo da verdade, procura...

(Nietzsche)

MATINAS SUZUKI

Teu nome é curto, tua pretensão tambem. “Rato” consumado de laboratório, desde 1945 — quando o êxito na habilitação nos tornou colegas — teu habitat tornou-se o Departamento de Quimica. Lá fincaste raizes, acutilado por invulgar atração — essa atração que revela

ceste todos os elogios dos nossos colegas de fora; eu, de minha parte, emudecí de admiração, não disse um pio, mas naquele instante, como colega teu, me deu vontade de te dar murros de satisfação... Foste sem discrepância a estrela magna do congresso e Deus queira que a tua teoria tenha sido o xeque-mate das outras pois assim teu nome será obrigatorio nos capitulos de diabetes. Serei, seremos então tão felizes como tú mesmo.

Isaias Raw. Nome curto de um



as aptidões e o Gênio! Estou convicto de que já eras, antes de por os pés neste majetoso templo de ensino médico, uma miniatura do que hoje és; pois bem me lembro do “trote especial” que levaste pelos conceitos que deixaste escápulir de tua boca, esquecendo-te de que os veteranos — pessoas que estão de riba — não perdoam as verdades... Reservado e despretencioso, sempre metido no laboratório entre confusão de tubos, balões, bicos, centrifugador, animais... ou debruçado sobre calhamações de livros, descerravas sem alarde, pesadas cortinas e alimentavas teu cérebro com o alimento de estava ávido. Não paraste aí. Teu espírito sequioso da verdade, arrastou-te á procura, a procura da luz onde havia sombras. E assim nasceu a tua teoria sobre a “Fisiopatologia do diabetes” deixando pasmados de assombro quantos assistiam a primeira sessão ordinária do IV Congresso Medico-Academico. Bem mere-

rapaz despretencioso. Etio-filosoficamente cinico, vives por aí, andando a passos míudos e rápidos, sempre apressado e olhando, o chãoabisbaixa essa cabeça de cabelos finos e encrespados, revoltos e pedindo pente; e o teu avental é encardido e cheio de furos, e os teus olhos semi-aiáticos parecem perguntar se os vidros dos teus óculos sempre sujos são parabrisas ou lentes... trazes as tuas faces sempre espinhosas de barba por fazer, e sob o nariz um bigodinho que parece derapar das narinas ao canto da boca...

As críticas maliciosas, teus lábios quase grossos respondem com um sorriso, esse mesmo sorriso que eu arranco com as minhas piadas ou como agora, com uma reprodução malfeita da tua fachada.

Isaias Raw, teu nome é curto e tua pretensão tambem; não fazes alarde, caminhas silencioso, em silêncio procuras perverantemente o teu lugar ao só.

BAILE DE “O BISTURI”

Dia 12 de Setembro

★ NO TROCADEIRO, A'S 14 HORAS ★

Orquestra de Walter Guilherme

Salvo e Professor Alípio Correia Netto

MATINAS SUZUKI

Era já tarde. O sol das cinco e meia banhava-nos de luz amarela, quase laranja, quando eu e esse rapaz de delicadeza quase feminina que é o Feher, atravessamos a avenida dos murmúrios amorosos, no crepúsculo das tardes e no lusco-fusco das noites. Iamos para o H. C. Levamos cem exemplares de “O Bisturi” para o Pronto Socorro, esse P. S. mais acanhado e modesto do que o de Santos (segundo nos disse o professor Alípio), sempre prenhe de gente estropiada e doente, sempre super-lotado como os nossos bonde da C.M.T.C. nos subúrbios da noite, na largada dos obreiros...

E era ainda cedo na manhã seguinte quando fomos convidados, eu e o Diretor deste Jornal para uma conversa com o professor Alípio. Confesso que senti qualquer coisa esquisita, gélida, apressar-se de mim semelhante ao friozinho que nos percorre o corpo e parece concentrar na ponta dos dedos, quando estamos á borda de um precipício e olhamos para baixo. De relance percorri as oito linhas de crítica áquela cadeira. Credo! Elas se me pareceram um nunca acabar de pauladas. Era um mísero Fiat que se agigantava sobre a gente no momento do atropêlo. E dizer que aquele galho de oito ramos espinhosos não era meu, era de outra árvore. Tentar, porém, escapular seria covardia. Subimos pois para a 1.a Clínica Cirúrgica. Ali, atenderam-nos o Dr. Zerbini que, á queima roupa foi logo dizendo que estava de perfeito acordo com o que foi dito pelas colunas de “O Bisturi”. Isso pôs-nos logo á vontade e as nossas bombas cardíacas trataram de socegar-se. Palestramos alguns minutos e saímos. Como quartanista, fiquei incumbido de trazer na manhã seguinte uma comissão desta série para formarmos uma mesa redonda com o prof. daquela cadeira. Estavamos então em plena greve, praticamente em férias pois o adiamento dos exames era um fato, de sorte que dentre os poucos colegas que pude reunir saíu a comissão encarregada de discutir o assunto.

E a discussão no dia seguinte foi uma palestra como jamais vimos. Havia naquela saleta um homem mais experiente dirigindo-nos a palavra, ouvindo nossas queixas, soltando pilhérias... Falamos sem o menor acanhamento, ousamos abrir as válvulas da nossa sinceridade, no que fomos compreendido e tolerado pelo espírito liberal que sempre caracterizou o ilustre catedrático daquela cadeira. Jamais porém esperavamos tamanha compreensão e tamanha tolerância! Da discussão nasce a luz, diz o refrão popular. Nunca um colóquio confirmou tão bem essa verdade. As soluções propostas por nós e pelo prof. Alípio, deverão solucionar de maneira satisfatória o problema abordado: a maior eficiência do curso. De fato. A permanência de uma turma mensal ou quinzenal no ambulatório — ao envez de frequentarmos duas ou três vezes apenas por semestre, como vinhamos fazendo; o rodizio das turmas pelos diferentes assistentes, mantendo-se estes dentro das suas especialidades; e a abolição das aulas teóricas, eceto ás de Sabado, sendo fornecida a bibliografia; de tais aulas, cremos, será a solução do que é possível solucionar conforme o estado de coisas do momento.

Exigir mais não poderíamos. E' a

situação do Pronto Socorro, é a terrível escassês de tempo, etc., etc... Com relação ás aulas de Sabado que o regulamento obriga o Prf. Alípio a dá-las, estou convicto de que todos os quartanistas se rejubilam com esse dispositivo do regulamento... Pois que realmente gostamos delas. E somos nós que pedimos ao nobre professor que continue ministrando-nos tais aulas.

Ficamos profundamente gratos. E muitissimo satisfeitos.

Se assim procedesse a maioria dos nossos mestres, não haveria, creio eu, problemas de ensino sem solução, dentro de nossa Escola. Pois que ninguém ignore o exemplo do Mestre da 1.a Clínica Cirúrgica é uma nota que destôa no “curriculum vitae” da nossa Faculdade. São professores que descontam notas pelas faltas — obrigando-nos á frequência ás suas aulas, — como se os 30% permitidos pelo regulamento já não fosse ameaça suficiente; são professores que obrigam o bedel a fazer chamadas em voz alta, como se fôssemos crianças de jardim de infância...; são os mesmos que agora, com a frequência livre, anteveendo o fantasma das cadeiras vazias, pretendem transformar as aulas teóricas em teórico-práticas, por meio de projeções ou obrigando um mísero doente á assistir suas preleções...

Encanta-nos por isso, a certeza de que nem todos os nossos mestres pensam assim, e fatos como o que tivemos a oportunidade de presenciarmos não devem passar despercebidos perante a grande coletividade estudantina da nossa Escola.

E' por isso que “O Bisturi”, órgão oficial do CAOC, lhe dedica estas palavras carissimo professor Alípio Correia Netto.

Caravana à Itapeva

Foi realizada por alunos da Faculdade, uma caravana de finalidade educativa, á cidade de ITAPEVA em meados de Julho último.

Integrada por componentes da Liga de Combate á Sífilis, da Sociedade de Nutrição e Endocrinologia, da Liga Contra o Alcool, teve o patrocínio e a organização da Liga de Combate á Tuberculose, graças em grande parte ao espirito inteligente e operoso do seu presidente, o colega Osmir de Mello Strasburg. Os caravanistas permaneceram 5 dias na tradicional cidade, hospedados no Hotel Roma, correndo as despesas por conta da Prefeitura e do Rotary Club local. Realizaram os colegas um programa de 5 palestras radiofônicas na emissora local, sob os temas: Sífilis, Nutrição, Câncer e Tuberculose; além das palestras realizaram 3 conferencias acompanhadas de exhibições de filmes educativos, sobre Sífilis, Tuberculose, e Moléstias Venereas em geral. A estadia dos academicos é suas atividades trouxeram grande movimentação á cidade, sendo suas conferencias e palestras assistidas com muito interesse e grande aproveitamento por um público representativo de grande parte da população. Além das atividades científicas, é grato notar o contacto social e cultural dos academicos com a sociedade de Itapeva obtido em suas visitas á

Mãos á Palmatória

MATINAS SUZUKI

No número anterior de “O Bisturi”, trouxe á baila a questão dos preços e dos atos do nosso fígaro, de crepito nos seus duzentos anos de experiência de corte de cabelo e barba de que faz alarde, mas que ainda continua “barbeiro” na profissão de barbeiro... Duplamente barbeiro portanto. Para ser triplamente, só se se metamorfozeasse em chupança, porem como êle não suga as nossas hematias sonantes como antes pensava, fica pois o velho Lucas apenas com um substantivo e um adjetivo: barbeiro “barbeiro”...

Já é alguma coisa. Porém vamos ao que nos interessa, por os pesos na balança — numa balança grosseira que despreze algumas virgulas e acentos de minucias, pois não estamos cotejando drogas nem ouro em pó, mas apenas ganhos e gastos. E como não se trata de balancete de fim de mês de nenhuma firma, mas apenas dados para uso externo da nossa sarna crítica, fica justificando o nosso chute nas minudencias da questão. De direito, cabia ao proprio criticado fazer a sua defesa, porém alega o fígaro que êle é também um barbeiro no português..., de sorte que não se sentia em condições de fazer a sua defesa, sendo inúteis o seu pente, a maquina tricotomica e a navalha para o caso... Não podia então, fugir o autor daquela critica ao passo que ora dá. E nem seria justo. E nem honesto. Pois que assim como a critica foi lida pelos colegas, faz-se ora necessário que todos fiquem também ao par das razões do outro interessado. Do contrario haveria lamentavel falha pela unilateralidade, seria como um cubo visto bem de frente: um perfeito quadrado. E o meu desejo como redator deste afinal sazoadado Jornal, não é ter razão numa ques-

tão, mas ventilá-la e debatê-la para esclarecimento. Mesmo que seja como neste caso, obrigado pelas circunstancias supra-referidas, obrigado eu próprio a rebater a critica de minha autoria. Dar mão á palmatória. E isto se faz necessário, pois que o que antes disse reflete os sentimentos da maioria dos colegas e até de um professor que muito me deixa honrado pela intimidade que me dispensa — aliás, á todos que o procuram, — Não é a voz da pretensão que escreve isto, mas o número de expontâneo apoio que recebi pelas criticas de minha autoria. O Lucas está com a razão. No que se refere aos preços bem entendido. Senão vejamos. Ele paga para cada oficial, Cr\$ 1000,00 mensais. São portanto Cr\$ 3.000,00 por mês. Some-se a isto mais os gastos indispensáveis ao funcionamento da barbearia e em números redondos como o zero, poderemos calcular em Cr\$ 3.500,00, mensais o gasto total, incluso o ordenado do lustrador de bicos de sapato que constantemente muda de feição. Vejamos agora a receita bruta, tomando-se por base os meses do corrente ano: Janeiro — Cr\$ 5.800,00 — Fevereiro — Cr\$ 5.000,00; Março Cr\$ 6.000,00; Maio Cr\$ 5.400, Junho Cr\$ 7.076,00; Julho Cr\$ 6.600.

Por esses dados colhidos em seu livro nota-se perfeitamente que o nosso caro Lucas ganha muito menos do que qualquer de nós poderíamos calcular em Cr\$ 3.500,00, mensais o gasto total, incluso o ordenado do lustrador de bicos de sapato que constantemente muda de feição. Vejamos agora a receita bruta, tomando-se por base os meses do corrente ano: Janeiro — Cr\$ 5.800,00 — Fevereiro — Cr\$ 5.000,00; Março Cr\$ 6.000,00; Maio Cr\$ 5.400, Junho Cr\$ 7.076,00; Julho Cr\$ 6.600.

Assim fica esclarecida a questão de uma vez para sempre, questão bem diferente da do bar pois aqui, os numeros do livro de compras e vendas não são brotos daninhos e danosos germinados pelos preços — que estes são iguaizinhos da dos bares-tubarões da cidade — mas unica e exclusivamente do parasitismo e da má organização, que digo eu, da desorganização, que campeia por aquelas bandas, e pela falta de tino na materia dos responsáveis.

Uma coisa entretanto permanece de pé e bem de pé: a questão do modo pelo qual o Lucas fala em gorgeta. E' questão de moral e em absoluto não nos satisfaz a sua explicação:

— Você sabe, eu falo por brincadeira...

Brincadeira e seriedade, seu Lucas são como o dia e a noite. Não queira pintalgar o dia com fragmentos da noite e vice-versa. Para isso já existem sombras esparsas na claridade do dia e luzes tremelicantes no manto negro da noite. A cachopice em assunto que exige seriedade é um despropósito incomum como a sombra dos eclipses. Além de que você é sujeito velho, seu Lucas...

E' a conclusão aí está, sem imisriamos pensar. Isso em se levando á sério os dados do livro, pois só por ele nos poderemos guiar para chegar a uma conclusão.

Santa Casa local, ás obras do novo leito da estrada de ferro, á Olaria, á construção da Represa de Aguas, ás oficinas do jornal “O Tempo”.

Entre outras homenagens salientamos os bailes de recepção e despedida no salão do Gabinete de Leitura, club que orgulha acidade, e o cocktail oferecido pelo Dr. José Candido Neto, que nos proporcionou grande satisfação e ao mesmo tempo inveja em vê-lo representar cabalmente o nome da Faculdade de Medicina na cidade de Itapeva.

Ficamos particularmente gratos á familia da Srta. Lelia Martins Rolim, pela atenção e solicitude que teve conosco, organizando festas e passeios, o que muito contribuiu para tornar mais alegre a nossa estadia. Deixamos consignados também nossos agradecimentos ao Prefeito Sr. Cicero Marques; ao Rotary Club local, na pessoa do Sr. João Batista Ribeiro; á Câmara Municipal de Itapeva, na pessoa do Sr. Salvador Bueno de Mello; á direção da Escola Normal de Itapeva; á Rádio Club local e artistas do Arraial do Viracopa.

Agradecemos de modo especial ao povo da cidade de Itapeva.

Os resultados da nossa missão, pelo que nos foi dado observar durante a nossa estadia nacidade, foram brilhantes. Esperamos que a caravana e o espirito empreendedor e organizador do seu chefe, o cole-

ga Osmir de Mello Strasburg, sirva de exemplo para outras de mesmo gênero. E' de notar que o êxito da caravana foi total, graças aos colegas componentes da mesma; Radi Macruz; Walter Pellegatti; Reiner de Souza Carvalho Filho; Alberto Adde; Nelson Abrão; Julio Timoner; Agostinho Betarello; Cesar Francisco Ribeiro Júnior.

(Reportagem de Cesar)

CARTAS ANÔNIMAS

DE ILUSÃO TAMBEM SE VIVE

MATINAS SUZUKI

MATINAS SUZUKI

Poucos dias após a saída do segundo número de "O Bisturi" do corrente ano, e isso se deu ainda no primeiro semestre — feito se não me engano inédito da Diretoria Belda — fui honrado com duas cartas anônimas. Explico-me. E' que apesar de uma delas trazer a hiperbólica saudação "Prezadissimo senhor Walter Belda", o conteúdo se refere mais diretamente a mim, e, si bem que redigida de maneira bem menos verborragica..., achei-a bem mais interessante do que a outra, com saudação mais íntima, realmente dirigida a mim. De fato, "meu caro Suzuki" tem menos formalismo do que "Prezadissimo senhor Walter Belda" E isso deixa-me deveras envaidecido... Ademais, sem a leitura da primeira carta, os meus caros colegas — filhos ou não de japoneses... teriam a péssima impressão do autor da segunda — aliás, o mesmo —, pois parecer-lhes-ia muitos sinos badalando... o redator-chefe. E para satisfazer a curiosidade dos colegas, devo dizer que essas duas cartas vieram dentro de um mesmo envelope, abandonado na surdina na sede do CAOC. Parece que o autor não quis gastar sêlo..., donde concluo que deve o missivista anônimo ser algum pão-duro... Se desconfio do autor? Não. Basta-me saber que é "Um amigo e admirador"... da onça.

Eis as mencionadas cartas:
Prezadissimo senhor Walter Belda.

Peço-lhe que se digne dedicar alguns momentos de sua preciosa atenção a esta nota. Rogo-lhe leia a carta que a acompanha. Escrevi-a em sinal de protesto contra os absurdos que vem sendo publicados no "O Bisturi" com a prosaica assinatura de "O Coruja". Ignoro se os referidos artigos são incluídos por ser o Redator-Chefe o honrado senhor Suzuki Matinas — sem favor algum, um dos mais refinados e perfeitos idiotas que jamais pisou esta Escola — ou se eles contam com a aprovação do Egrégio corpo de redatores.

De qualquer modo, impõe-me um protesto e eu pretendo fazê-lo com a carta que dirijo ao honrado senhor Redator-Chefe.

Endereço-lhe está sr. Belda, porque confio mais na sua esclarecidíssima inteligência do que no conteúdo craneano do sr. Matinas, cujo teor até hoje ignoro. Talvez não compreenda êle o verdadeiro sentido que eu quiz dar ás minhas linhas e as tome até como merecidos en-cômios.

Deixo inteiramente a seu critério o entregar-lhe ou não a missiva a êle endereçada e mostrar-lhe a que lhe dirijo com as necessárias explicações.

Oculto-me no anonimato porque falo por todos os alunos da Faculdade (salvo talvez os patricios do sr. Matinas, que tanto o admiram) e seria fastidioso estar recolhendo tantas assinaturas.

Outrossim desde que há falta de colaboração para o prestigioso periódico intitulado "O Bisturi", autorizo-o, prezado sr., a incluir todo o que aqui lê em seus fulgurantes páginas. Se é que eu possa ter a veledade de me colocar á altura a que se guindaram seus respeitabilissimos colaboradores. Aproveito ainda a ocasião para cumprimentá-lo, meu caro Belda, pelos brilhantes artigos que trazem sua assinatura. E muito me honro de me dirigir á mais lúcida inteligência estudantina do continente.

Rogo-lhe aceitar os sinceros protestos de minha mais alta estima e consideração.

Um admirador incondicional.

Meu caro Suzuki.

Antes de mais nada, peço licença para tratar-te por tú. Sei que és magnânimo e que fidalgamente m'a concederás.

Tenho tanta cousa a dizer-te que as idéias se entrecrocçam em minha mente, tornando realmente difícil a redação desta humilde missiva. Tú, porém, a mereces e esforçar-me-ei por coadunar meus revoltos pensamentos.

Creio que te direi da admiração profunda que por ti nutro, seja qual fôr a faceta do teu Gênio que eu contemple. Artista brilhante, redator-chefe do notável órgão da imprensa nacional ("O Bisturi"), paladino impertérito da Justiça e da Liberdade, moderno Catão, tudo isto tú és. Acima de tudo, porém, és um ironista finíssimo. Com que maestria brandes o florete do sarcasmo; com que segurança o cravas no coração do contendor. Mereces bem o cognome de Swift do século XX.

Teu espírito já se revela no pseudônimo que escolheste: o Coruja. Magnificamente expressivo. Como aquela ave tú estás sempre atento, nada escapa á tua vigilância contínua. Bem sabes, aliás, que o preço da liberdade é a eterna vigilância. Quando recebo o meu exemplar anual de "O bisturi", percorro-o ávidamente, sofregamente, em busca de um artigo teu ou de alguma caricatura do teu lápis mágico. Com que prazer o leio, e com que mal contida admiração a contemplo.

Só quem acompanha de perto tuas atividades sabe como te desdobras para que saia cada ano o tradicional número de "O Bisturi". Com que tristeza, por outro lado, constato que há elementos ingratos que não vêm ou não querem ver tua fabricitante atividade, teu insano esforço, tua obra de gigante. Chegaram a tirar-te a sala de trabalho, profunda injustiça, nefando ato (Sinto que a maquina de escrever não tenha ponto de exclamação). Alí, onde mergulhado nas profundezas do teu saber meditavas e davas á luz artigos memoráveis, reina hoje o parlar vasio de um presidente inepto e de seus asquerosos bajuladores.

Oh, suprema profanação dêste templo admirável. E tú, que és bom, e não guardas rancôr no coração, fazes apenas uma advertência bondosa ao usurpador. Quem te conhece bem adivinha nela uma queixa mansa, sentida e uma amargura profunda contra a incompreensão dos que te ferem. Suzuki, repito-o, és bom. Bom e estoico.

Sem ódio, lembras ao Tirano suas obrigações para com os colegas, há tanto tempo esquecida. E com uma sagacidade toda tua o lembras também de que entrevês cousas gravísimas, embora as desconheças totalmente. Tua intuição é guia segura, infalível. Tudo isto fazes, pedindo desculpas; és realmente como o sândalo, que perfuma o machado do lenhador.

Meu caro, peço licença para me deter hoje por aquí. Continuarás recebendo cartas minhas, pois numa só não cabe toda a admiração que tenho por tí. Perdoa a imperfeição de minha linguagem; procura vêr sob êste manto rôto o calor de minha veneração, a profundeza de meu afeto, o ansêio pelo triunfo de tua obra.

Saúda-te respeitosamente:
Um amigo e admirador.
São Paulo, 20-6-1948.

x x x

COMENTÁRIO

Vocês conhecem a história daquele garoto, primeiro anista de ginásio, que num exame deportuguês, devia fazer uma composição de duzentas palavras rigorosamente? Não? Oçam então. Ele escreveu:

"Foi no Domingo passado. Estava fazendo um solão brabo quando papai mamã e eu montamos no cá-lhanbeque do papai e saímos á passeio. Iamos visitar a titia que mora na fazenda, a doze quilômetros de casa. Achoque estávamos na metade do caminho quando o carro enguiçou. Aquele caco velho do papai sempre fazia isso. Empacava como burro velho. Depois de muito mexe daqui, mexe dali, ele descobriu que tinha acabado a gasolina. Até aqui foram setenta e três palavras. O resto papai veio falando pelo caminho, quando teve de voltar para pegar gasolina..."

Foram justamente nessas palavras do "resto" da composição que eu pensei ao receber estas cartas... Mas, perdoe-me o meu "Um amigo e admirador"; foi só questão de momento. Você bem sabe que sou um temperamental, e como todos eles, expludo por qualquer faísca, mas esgotada a pólvora tudo sossega como no dia seguinte ao de São Pedro. Depois achei graça, e creio que tenho razões para isso; êque o meu "amigo e admirador" não fala das minhas piadas!!! (Como vê, eu consigo fazer ponto de exclamação á maquina. Olhe só, !!!...). Pois sou Mark Twain também. E para terminar: Olhe lá, não vá depois de formado dar receitas... anônimas também...

222222222222222222222222222222

Amôr e Anatomia

IVONE

Flexionam-se minhas falanges para tomarem da caneta e materializar meu pensamento.

O sistema nodal não consegue que meu coração bata compassadamente quando eu penso que você não voltará.

As lágrimas saem pelo conduto lacrimal e invadem minha vista enquanto te escrevo: é a saudade. Saudade tenho de tua iris verde a fitar minha iris negra... e eu tinha vontade que meu músculo orbicular se contraísse fechando meus olhos e que tudo parasse, e eu te veria eternamente...

Outras vezes meu aparelho auditivo ouve a tua voz: com teu indicador e polegar biliscavas minha bola adiposa de Bichat murmurando: criança. Eu, feliz como tal, com o auxílio, do esterno-cleido-mastoideo inclinava minha cabeça repousando-a em teus peitorais e aí, com o ouvido na região precordial ouvia as revelações cardíacas do teu coração que me pertencia. E êsse silêncio em que ficávamos traduzia melhor que palavras a grandeza de nosso amor.

Foi nesse momento de silêncio que ouví o "sopro" e descobrí a tua insuficiência cardíaca que te arrebatou de mim. Sou pouco feliz ainda porque sei que não podes ter saudade, que fez de mim um espectro; assim não sofres.

Ninguém sabe o que é querer um furacão de vida que um sopro levou.

Às vezes, nos momentos de solidão, o nosso craneo é um vácuo, um vazio de pensamento; nesses momentos e mundo exterior é despedido de significado para nós, pois o valor das coisas é função dos olhos que os vêm. Outras vezes, o pensamento divaga sob as rédeas do coração; e o expectador são os nossos olhos interiores...

x x x

Acendo o cigarro, tiro baforadas, espalho cinerea fumaça ao ar dormente e bochorno do quarto. Medito... Que maravilhosa coisa é a imaginação! E como é delicioso e suave imaginar, alterar a realidade escabrosa, acomodá-la, torná-la luva aveludada como as pétalas do amor-perfeito. Em caprichosas curvas, iguais ás da fumaça do cigarro em ar parado, ela me conduz ao paraizo, e lá recebo a corôa de louros e a chave de um coração... Sou rei desse mundo, mundo delusorio, recanto de fuga, paraizo das soluções dos impossíveis. E' sonho, sonho de olhos abertos, sonho que não martiriza, sonho que permanece sonho, sonho que me satisfaz... Sonhãr acordado, guiar a imaginação sem medo de tropeçar em pezadelo, pizar sempre e de leve entrê flôres, num ambiente cálido de perfume, de música amor e encantamento. Divagar e divagando, segredar a mim mesmo, e só a mim, os meus segredos, dando liberdade capitosa ao coração, tornando o cérebro criança e seguindo o guia louco, o êbrio de liberdade...

Ei-la. Rosa ou lírio, não sei e pouco importa, todo o coração se me debruça aos olhos, buliçoso, inquieto, ofegante, tropeçando nesse bulício... Nada mais vejo senão ela, nada mais existe senão ela e eu, nada mais ouço senão avoz dela e o...

- O Matinas, porque Brasil em inglês se escreve com z?
- Ora vá plantar favas.
- Mas eu estou falando sério...
- E você pensa que falei brincando?
- Então, pilulas Carter para o seu bom humor...
- Não resistí á essa ducha fria. Tive que esboçar um sorriso...
- Bem, parece-me que os ingleses quiseram vêr os pontos nos ii no cáos do escreve Brasil com s ou com z, e os nossos "acadêmicos" do "Petit Trianon" pondo as mãos sobre um montão de bíbias... gramaticais, juraram que era com z...

Teatro Bisturi

Personagens: Callia e Tico-Tico.

Tico-Tico: Callia, porque você não desiste dessas tuas poesias, você não acerta uma.

Callia: Agora não posso mais, já sou famoso.

x x x

Pano rapido.

Amato: O senhor viu com que disposição voltaram os alunos para o segundo semestre?

Professor: Espero que vocês façam bons exames.

Amato: Vamos fazer muita força este ano, para vencer.

Professor: Não é necessário tanto.

Amato: A Mac-Med desfê ano não é sopa.

Monólogos

A falta de água nos bebedouros pode ser devida a quatro fatores:

- 1.o) — Pode haver muita água sem haver cano.
- 2.o) — Pode haver muitos canos sem haver absolutamente água.
- 3.o) — Pode não haver nem cano nem água, só bebedouros.
- 4.o) — Falta de verba (foi cortada a água).

Um caso clínico interessante

SERVIÇO DO PROFESSOR TRANÇA

P. L. O. — Solteiro, branco, reservista, 32 anos, mascate, residente na Capital.

Q. D. — Anorexia post-prandial há cinco meses.

H. M. A. — O paciente relata que nunca teve falta de apetite depois das refeições. Há cinco meses mais ou menos perdeu o apetite completamente depois de ter almoçado muito bem. Desse dia em diante seu martírio tem sido esse: logo que termina as refeições perde completamente o apetite.

I. S. D. A. — Olhos: Enxerga mal quando lê e menos ainda quando escreve; com os olhos fechados não enxerga nada.

NARIZ: Ver exame físico.

OUVIDOS — Houve estertores, ruídos heterocíclicos e badaladas a toda hora.

GARGANTA. — Sente gosto de pinga no fundo da boca.

APAR. CIRCULATORIO — Excesso de ar, e as vezes, dispnéa paroxística noturna (sic). Escarro cõr de pedra pome.

APAR. DIGESTIVO. — Grande quantidade de gazes intestinais; não evacua há seis meses. Eructações rarefeitas e discretas; pirose nos incisivos e molares.

APAR. URINARIO — Sensação de formigamento na urina com prurido na próstata. Obrúria (Fezes na urina).

APAR. GENITAL — O paciente teve vergonha de relatar.

SISTEMA NERVOZO — Tonturas, lipotímias, tremor nas extremidades, adiadococinesia (sic), “Rebound fenomen” (sic, sic).

ANTECEDENTES INDIVIDUAIS — Prematuro a forceps. Relata sarampo, varíola, Hodgkin (sic) e outras moléstias infantís. Não teve: Cancer do esófago, tularemia, mormo, psitacose e nem beriberi. Nega passado venéreo, sífilítico. Meliante aos 19 anos.

ANTECEDENTES HEREDITARIOS E FAMILIARES — Filho único. Pai falecido aos 112 anos, de moléstia desconhecida. (Coqueluche??). Mãi falecida aos 101 anos, de parto. Avós vivos e saudosos.

EXAME GERAL:

Longilíssimo. Dolícocefalo. Facies dismenorreica; pele “lampiná” e seca, elasticidade e turgõr incognitos. Pelos em abundância com distribuição peculiar ao sexo. O paciente apresenta um tufo de pelos longos e sedosos no cavo poplíteo e na prega do cotovelo. Unhas sujas. Mucosas presentes. Ganglios inguinais e auxiliares não palpáveis. Nota-se um gânglio parotídeo do tamanho de uma abóbora, das grandes. Circulação colateral visível na terceira falange do indicador direito.

EXAME FÍSICO ESPECIAL:

CABEÇA — Impar e mediana. Não há esteatose do couro cabeludo. Cabelos longos, glostorados, abotoado ao nível da protuberância occipital externa. (Jaquetão, 4 botões).

OLHOS — lânguidos, ternos, meigos azuis e convidativos. Sobrance-lhas espessas com equivalencia do número de pelos em ambos os lados.

NARIZ — ausente (Leishmaniõse).

BOCA — entreaberta, lábios leporinos; bigodes ralos. Banguela. Língua presente.

OUVIDOS — Pavilhões simétricos, simiescos, hélice e ante-hélice presentes e normais. Rivalta positivo. Lóbulo perfurado. Cerumem de reação anfótera. Tragos e ante-tragos presentes e normais. Fratura do

cabo do martelo. Distensão do músculo estapédio (Cronaxia aumentada: 0,00336 sigmas). Membranas de Schrãpnell presentes e normais. Abaulamento do promontório. Janela oval fechada.

PESCOÇO — Roliço. Pomo de Adão exostoso. Bócio pendente. Não apresenta cicatriz de navalhada.

TORAX:

APAR. RESPIRATORIO: Torax em carretel.

Inspeção estática: verrugas disseminadas a esmo.

Inspeção dinâmica: respiração pélvica. Lemos Torres e Litten presentes e lindos. Karrel ausente.

Percussão: Som de panela rachada nas fossas supra-claviculares.

Ausulta: Sons mesquinhos e indefinidos; Arriboflavinose do murmúrio vesicular — Estertores saltitantes. Sopros eufórico entubado na base, Roncos, sibilos e trovoadas. Frêmito tóraco-vocal Gran-negativo.

APAR. CIRCULATORIO — Coação presente. Choque da ponta visível na fúrcula externa e palpável no quinto espaço metacarpiano esquerdo. Frêmitos aos montes. Takata-Ara negativo. Area cardíaca bem diminuída, do tamanho de um ovo de curruira (Sylvia atrycapilla). A' ausculta, ritmo de samba. Hipertrofia da segunda bulha pulmonar. Celeuma no pequeno silêncio. Sopros sistólico onomatopaico.

ABDOMEM — Fígado em vaqueta de tambor Baço hipocrático. Cicatriz umbilical presente e suja. Ceco cacarejante. Borborigma chõco. Timpanismo e maciszez enorme.

GÊNITO UDINARIO — Testiculos dolorosos e pressão. Hipospadia e Criptorquidia.

SISTEMA NERVOZO — Reflexos exagerados (Fratura do colo de femur na pesquisa do reflexo patelar). Mesencéfalo presente e normal. Palidez do núcleo rubro. Campo HI de Forel bem gramado. Lemnisco medial ligeiramente clangoroso. Mau cheiro debaixo da Ponte.

DIAGNÓSTICOS PROVISÓRIOS — Cachumba?, Amebiase?. Doença de von Recklinghausen?.

EXAMES PEDIDOS:

Exame paratitológico da lágrima. Dosagem de ureia no escarro. Impressões digitais. Fotografia 3 x 4, de frente e de perfil.

Inoculação docerumen em animais de laboratório.

Formol-gel e Rangel Pestana.

DIAGNÓSTICO DEFINITIVO:

FECALOMA DA HIPÓFISE.

TRATAMENTO SINTOMATICO.

Uma cibalena de duas em duas horas. Salsapariña, Pinta e Nina em injeções endovenosas. Mendaco e Aristolino a vontade.

Água pura para inglês vêr

— Você ouviu as novidades?
— Quais?
— Como não tem mais utilidades os bebedouros passaram a ser escaradeiras.
— Como você sabe disso?
— Ora, saiu no Diário Oficial.

x x x

Epigrama

Aquele colega ataca os redatores do “Bisturi” com cartas tão mal escritas que ninguém consegue lêr.

MONTEIRO LOBATO

(Conclusão da 1.a página)

abandonada biblioteca daquêlê velhusco estabelecimento de ensino quando deparei com uma brochura de capa alaranjada, prenhe de letras na frente e atrás, encostado no canto da prateleira, á sombra de outros livros. Quiz folheá-lo, porém nem aberto estava. Havia sido doado por um professor e lá continuava ignorado pelos escassos frequentadores daquela pauperrima biblioteca. Levei-o para casa e como go-sava da confiança do bibliotecário, não preenchi como sempre a ficha de emprestimo. Passando a mão no canivete, pús-me a abrí-lo, quando deparei com isto:

1.a edição — 5.000 exempláres — Em 5 de Agosto de 1936.

2.a edição — 5.000 exemplares — Em 14 de Agosto de 1936.

3.a edição — 10.000 exemplares — Em 25 de Agosto de 1936.

— Puxa vida! foi o meu admiradíssimo comentário. Li-o de um fôlego. Era o segundo livro de Monteiro Lobato que me caía ás mãos. E que livro! “O Escândalo do Petróleo”. Confesso que nunca mais devolvi esse livro á biblioteca, con-servo-o comigo. Roubei-o. Não, não me envergonho dêsse roubo, pois quem deve se envergonhar é a ditadura estadonovista que proibiu a reedição e caçou todo exemplar que poudo agarrar, não deixando nem um exemplarzinho para mim.

E Monteiro Lobato morreu. Morreu o autor de “D. Quixote para crianças”, maravilhosa adaptação para crianças... e adultos, do calhamaço de Cervantes que despen-cando da prateleira quase esmaga o Sabugosa... Morreu o Lobato que nos deu toda uma série ímpar de livros para crianças e derramou, qual fôgo de artifício, numa chuva-rada resplandecente, O Presidente Negro, Urupês, Miscelanea e o Mundo da Lúa, estrelas e mais estrelas literarias sobre a Terra que tanto amou — este mesmo Brasil que o papaguear ôco e sem-vergonha da politicalha faz “rolar morro abaixo”, este Brasil tão imenso porém já pequeno para re-ter entre as suas fronteiras um nome colossal como esse. Monteiro

Lobato! Monteiro Lobato — o homem de sombrancelhas lobateanas... o grande clínico dos nossos males sociais — morreu.

Ele era também carne e osso, e carne e osso acabam repousando em leito de terra, pois tudo é terra e da terra...

Porem, por tudo o que escreveu, êle continuará vivo e bem vivo em nossos corações, pois quem conquistou crianças, moços e velhos, de há muito que já era um imortal!

MATINAS SUZUKI

No Laboratório de Anatomia do 3.º ano

Primeira mosca: Você viu que incrível, este tédio me mata, imagine que nem o bloco dos mineiros esteve aqui durante as férias.

Segunda mosca: Se isso continuar assim sou capaz de mudar de Departamento.

Dialogos

Lucas: Montessanti, prá quem é esta carta que você está escrevendo?

Montessanti: E' pra' mim mesmo.

Lucas: E então quais são as novidades?

Montessanti: Não sei, ainda não a recebi.

No H. C.

Um paciente dirigindo-se ao Tiberê:

— Doutor fiz tudo o que o senhor mandou, já é o sexto termometro que engulí e a febre não quer baixar.

x x x

Nathanael: O senhor fez o que eu mandei?

Paciente: Já doutor. A primeira vista estranhei com as sangue-sugas, mas depois o trabalho foi fácil.

Nathanel: Quer dizer que o senhor está bem melhor?

Paciente: Se o senhor soubesse doutor, tive uma indigestão...



Ei-lo, circunspecto, compenetrado Um pobre doente a examinar. Não há dúvidas que o coitado Máus bocados vai passar.

O Adachi ouve entusiasmado! Gooool! de repente põe-se a gritar Chutára certo e, alvoroçado O diagnóstico põe-se a cantar:

Hipertrofia de bulha abafada Pequeno silêncio no gol da entrada, Bola com o Tranca; estertores.

Tranca e Decourt com as vidas encarecidas A família pede não sejam enviadas, Ao enterro, corõas nem flões.

A MASCARA

Dedico ao acadêmico Wilson Pereira Borges

Olhor morto de gesso
Brilhar íngente
Psicastenia sólida
Ruido metafísico da alma
Hipocrisia metastável
Pisar fundo da desgraça
chora a criança...
Diversidade meteórica,
Instável
Distila o campanário gota gota
como a miséria
Num funerário canto côr de chumbo...
A mascararí,

WILLIAM CALLIA

O CAMPANÁRIO

Perdendo-se na ráia do horizonte
Percebe-se ao morrer o sol distante
De ciprestes ornado... lá no monte,
Dum campanário o vulto fascinante.

E' um velho campanário abandonado,
Envolto de funério esquecimento
Em cujo séio o mocho desolado
Tristonho vem carpir o seu lamento.

Porém, quando a torrente assóla a terra
E o vento oscila o bronze carcomido
O campanário anima-se na serra

E, qual profeta antigo enfurecido
Do monte autero lança na campina
A maldição da cólera divina.

TULIO MIRAGLIA

QUEM É S?

Eu sou a alegre brisa matutina,
Eu sou o rubro sol, a linda aurora,
Eu sou a graça, as côres da bonina,
O rio que serpenteia selva a fóra.

Eu sou o encanto, sou a vida pura,
O músico cantar do sabiá.
Sou o saguí veloz que se pendura,
Nas maníobas grandes do Pará.

Eu sou a mata, a rígida itaúba,
Eu sou as árvores de tronco esguío,
Sou a tranquila e verde carnaúba,
De copa emaranhada olhando o rio.

Eu sou o pássaro que nos pinheiros,
Gorgeia e bate as asas mui contente,
Eu sou a voz suave dos ribeiros,
Que se esvaece na amplidão dormente.

Sou o verme do sólo,
O leão do deserto,
O raio que fere,
A plântinha que brota.
Sou o grande e o pequeno,
A ternura e a rudeza,
Queres saber quem sou?
Eu sou a Natureza.

HELGA MARIA

ALMOÇO NO HOSPITAL

11 horas. Caminho do Hospital. Mendigos.
Colegas que sobem. Conhecidos que descem. Doentes.
Porta do Hospital, macas.
Escândalo do petróleo; Lobato. Problema do Brasil.
Text-book of Medicine.
Cheiro de óleo, revolta do apetite. Escadas.
Barulho de prato. Filas, talões, e enfermeiras.

Mesa cheia,
Barulho de prato,
Chacoalhar de talheres,
"Facies esfomeadas",
Sexta-feira;
Bife,
Olhos na mesa do padre,
Thomaz premiado.

Barulho de prato,
Sexta-feira.
Grande decepção —
Thomaz satisfeito.
Uma laranja
De Cunto, duas laranjas.
Barulho de pratos,

Barulho de prato,
Apetite insatisfeito,
Café,
Dôr no epigastro,
Barulho de prato,
Chacoalhar de talheres,
Fumaça de um cigarro.

SURREALISTAS VADIOS

UM QUADRO

Na frente, um campo verde descuidado;
Atraz, já pelo tempo enegrecidos,
Um longo e velho muro e um telhado
De certo bem vermelho em anos idos.

Árvores em fileira, a cada lado,
Trazem flores nos ramos estendidos.
Equidistante delas, do telhado
Um pouco além, contornos definidos

Alteiam-se indicando grande igreja
Cuja torre, nesta hora, ao sol poente,
Branquinha; julgar-se-ia que deseja,

Com a cruz que em apontar ao alto inisiste,
Lembrar a quem da vida as dôres sente
Que tudo passa e lá só paz existe.

CACILDA CUBA DOS SANTOS

O impossível acontece

CORUJINHA

x x x

Na formatura dos alunos do C.P. O.R. e mSão Paulo deu-se um caso interessante com um aluno artilheiro. Quando chegou a vez do canhão que ele vigiava, dar fôgo, a espoleta não queimou. O interessante é que todos ouviram o tiro.

x x x

Apareceu na Faculdade de Medicina uma aluna atacada duma molestia extranha: ingenuidade ou...

Acontece que a paciente foi pedir emprestado, ao Mignone, lâminas e microscopio para estudar em casa.

x x x

Esta aconteceu em Poços de Caldas. O jornal local publicou a seguinte notícia:

VISITANTES ILUSTRES

Acham-se na cidade os doutorandos Jaime Gançalves e Samuel We-rehejcyk que aqui vieram incumbidos pela Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, para realizarem estudos de caráter medico-social, deste município.

Em palestra com os ilustres hospedes, els nos puzeram devidamente ao par do que pretendem fazer nesta estância balnearia, ou seja, apresentar um relatório completo ás autoridades sanitarias competentes, dados com os quais possam elas avaliar o estado sanitario local, indicando aos executivos municipais, estaduais e federais as medidas que deverão ser tomadas para sua melhoria.

Este trabalho abrangerá o estudo minucioso dos seguintes itens:

I) Assistência médica; mortalidade e suas causas; serviço hospitalar, focalizando principalmente o problema da infancia; as térmas e suas indicações terapeuticas.

II) — Urbanização da cidade e edificações rurais; água, esgotos e lixo e seus tratamentos.

III) — Alimentação: leite, sua proveniência e condições em que é fornecido ao consumo; fornecimento de carne, pão e verduras.

IV) — Organizações escolares; educação sanitaria ministrada á população.

V) — Profilaxia das molestias endemicas; vacinações; extinção dos ratos e mosquitos em geral.

Desejando aos ilustres higienistas o mais brilhante sucesso no desempenho da nobre missão a que se propuzeram, concitamos a toda a população e ás autoridades, a prestar-lhes a mais irrestrita cooperação para que o objetivo, que é o bem estar do povo, seja integralmente atingido.

x x x

Correm boatos que os dois citados viajantes ilustres fizeram 1001 promessas para que na cadeira de Higiene não se peça relatórios.

x x x

Que na Argentina, o gen. Peron

está ensinando gramatica portuguesa.

Observação: O Tangneli esteve na Argentina. (Que picaretada...).

x x x

Apesar de quase haver greve por causa de elementos extranhos frequentarem o H. C., estas férias a Terapeutica abrigou dois penetras e o Centro não tomou providencias.

x x x

As vacas magras atingiram a Faculdade.

Almoço: feijão, arroz, abobrinha e purê, pelo preço antigo.

Essa greve...

x x x

Tambem esta é verdadeira. Segundo fomos informados pelo secretário da sra. Grimaldi, empregária da atual companhia Lírica no Municipal, foram dadas ao DEPARTAMENTO DE CULTURA DA REITORIA, 100 entradas para serem distribuidas aos estudantes. Por onde andarão essas entradas?!!!

Tu ris, mas eu vi!
IVONE

Tu ontem
No exame,
Infame!
Colavas.
C'os faces
Em fôgo
Ardentes
De vivo
Lascivo
Carmim.
No exame
tãq falsa
colavas;
olhando
p'ros lados,
ardente,
temente,
sem ver,
que te vi.
E hoje
contente
com nota
de crente
tú viras
tú vais
nem olhas
p'rá mim.
Se digo
replicas:
— mentes!
Não negues,
não mintas,
Eu ví!

Você

IVONÉ

Sopra o vento levemente
Há no ar um não sei que
Que me lembra vagamente
Um pouquinho de você.

Teu olhar

IVONE

No céu há tanta estrela
Na terra tanto luar
No entanto o que me encanta
E' a luz do teu olhar.

Carta aberta ao sr. V. Cy. Este

Petróleo tem dono

Que Deus lhe dê saúde!
O tempo foi passando e não entrava dinheiro para mais este número de “O Bisturi”; uma vontade louca de esquecer as ofensas; e o próprio tempo que tudo apaga ia fazendo com eu fingisse esquecer um artigo publicado no “O Estado de São Paulo” e que trazia por título — Boticários.

Mas, acontece que um desses pseudo-jornais que brotam em São Paulo publicou uma reportagem. Se o Sr. teve conhecimento dela deve estar contentíssimo. Fazia o jornal nada mais nada menos que a apologia dos enfermeiros não formados. Todos, todos eram desvelos maternais, dedicadíssimos, competentíssimos e as formadas... Ora as formadas! Professorinhas impertinentes. E antes que venham a pregar o fechamento das Faculdades, esse negócio tão caro e improdutivo, e venham fazer a exaltação dos praticos de farmácia, dos rábulas, dos sacristãos, das curiosas, dos curandeiros, etc., etc., eu, para descargo de consciência resolvi escrever-lhe.

Como o Sr., também sou “creatura mansa e tímida que não gosta de brigar”. Há porém uma diferença — o Sr. compra brigas.

Eu não, a formação católica que recebi, me fez tolerante, respeitador das opiniões honestas dos outros e é por isso que não me meto “em surrús alheios”. Mas, eu também sou universitário e custa a gente não responder a uma afronta.

Sr. V. Cy, não o conheço pessoalmente. E’ pena. Por isso imagino-o: um velho pessimista, desiludido, que fugindo da vida se abrigou nessa ilha encantadora. E aí, nos poucos minutos que sobram das conversas com as comadres, abusando de seu talento de escritor, isso não lhe falta, derrama bilis sobre a sociedade que o Sr. não conseguiu vencer. E como é insinuante, hábil. — “Não me parece honesto arrastar os leitores para um terreno em que a minha mente está confusa, em meio de um nevoeiro”

Para mim não é questão de parecer, é desonesto mesmo.

No entanto, como são numerosos os assuntos em que o Sr. se intromete, abusando da natural tendência do brasileiro de não protestar! E’ assim com a Igreja. (Não haverá aí um resentimentoso pessoal?) E’ assim o Petróleo, com o Exército, e uma porção de coisas mais. Agora com os estudantes de farmácia. E eu já estou esperando seu azedume para com o XI Congresso Nacional de Estudantes. Alí há pano prá manga... Duas colunas na última página devem render bem.

Mas, o Sr. não podia compreender a greve dos universitários. Não podia porque é um movimento de luta, de conquista, de defesa dum patrimônio que os da geração que nos precedeu não souberam conservar — a educação.

Nós encontramos um ensino comercializado, deturpado, falso e, hoje lutamos pelo que deveríamos ter encontrado pronto: melhoria de ensino, facilidade de estudo, escolas em abundância e para todos.

E, quem nos legou esse estado de coisas? Foram os mesmos homens que, donos da prudência e da experiência, nos deram duas guerras mundiais, nos deram reformas de ensino absurdas e, como índice supremo de incapacidade cantaram aos nossos ouvidos, quando iniciávamos as primeiras letras:

— “Meninos, o Brasil confia em vocês”

Não, não era o Brasil que confiava em nós, eram os que nada fizeram.

Nosso ferro, nosso carvão, continuam nas entranhas da terra. Nosso petróleo foi negado. Nosso povo continua sofrendo as misérias da seca, da malária, da tuberculose, da sífilis. E, quando nós moços nos levantamos para fazer o que devia estar feito, homens como o Senhor, Sr. V. Cy, dizem que temos pruridos de nacionalismo, que estamos sendo manobrados por comunistas, que temos “vontade de vadiagem”

Sr. V. Cy., esse isolamento, essa fuga, parece que o está fazendo ver fantasmas. O Sr. no entanto, não é o único. Disco Voador, navio que voa, serpente marinha, intervenção, são os fantasmas do momento. Quanta gente sonha com eles. Mas orientar o povo na crença desses bichinhos é trair a luta em que a mocidade está empenhada.

Não é muito mais honesto usar da pena para pregar a Paz, para incentivar a construção, para dizer coisas belas, que usá-la para expansões de lamentações, de derrotismo?

Nós não fomos solidários aos acadêmicos de farmácia por “simples pretexto”, por esperança de uns examezinhos por decreto no fim do ano” O Sr. não nos conhece. Devia botar óleo nas juntas, tirar o chá, e vir até nós. ver como vive a mocidade das escolas superiores.

Como é vadia essa mocidade que faz greve para melhoria de ensino, que implora aos professores boas aulas. Como é vadia essa mocidade que além do curso normal assiste cursos de extensão universitária, faz cursos de férias, assiste conferências, faz campanhas educacionais e sanitárias. Só o Departamento Científico do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” realizou 15 (quinze) cursos de diversas especialidades médicas, até junho. E agora acaba de realizar um Congresso Médico Estudantino Interestadual, onde um estudante apresenta nova teoria sobre o diabetes. Como é vadia essa mocidade que às 7 horas da manhã e das 17 às 20 horas, suja as mãos de Bismuto, para tratar gratuitamente dos doentes da Liga de Combate á sífilis que conta 40.000 doentes em seus fichários. Como tem vontade de passar por decreto esses jovens que organizaram a Liga de Combate ao Câncer, a Liga de Combate á tuberculose, as campanhas sanitárias onde só no ano passado perto de cinquenta mil trabalhadores ouviram a voz de estudantes de medicina, que a eles levaram sementes, conselhos, praticas de higiene. Como é vagabunda essa mocidade que entra na Faculdade ou no Hos-

pital ás 7 horas da manhã, sai ás 6 horas da tarde e vai dar aulas á noite para poder pagar seus estudos. Como são vadios os alunos da Escola Politécnica que dão aulas na Escola Noturna Paula Souza. Como são vadios os estudantes de Direito, de Veterinária, de Belas Artes, de Odontologia, que afastam o início da vida de quase 10 anos para passar por unsexamezinhos por decreto. De fato é muita vadiagem. O Brasil não precisa de gente formada. Prático faz a mesma coisa...

A greve estourou Sr. V. Cy, porque só assim nossa voz seria ouvida. Vencemos, apesar dos boatos dos inescrupulosos. Nunca pensamos em processos desonestos para alcançar o grau de doutoramento. Felizmente temos hombridade, não é na nossa geração que isso está faltando. A greve foi longa, mas as enfermarias continuaram com seus estudantes, os laboratórios não ficaram vazios. Nas bibliotecas fez-se fila para entrar. Encontramos um segundo semestre sacrificado com aulas e exames acumulados. Bem ou mal passaremos por eles. Enfrentaremos os sacrifícios contentes porque vencemos inclusive áqueles que não querendo ver, abusaram da posição de jornalistas, do espaço que teem garantido em certos jornais, tentando desacreditar uma classe que ainda é impoluta; áqueles que em acessos de histeria vieram á público xingar uma classe, ofender os brios dos estudantes, impondo-lhes a pecha de vadios, de burladores dos deveres escolares.

Sr. V. Cy., os moços são honestos nas suas atitudes. Ainda acreditam em honestidade e patriotismo e farão com que áqueles que deviam dar exemplo, sejam honestos e patriotas.

Leia a declaração de princípios do XI Congresso Nacional de Estudantes, acompanhe a Campanha de Petróleo, conheça as realizações médico-sociais dos estudantes paulistas e faça um exame de consciência. Faça esse exame de consciência que quase todos os homens de sua geração deveriam fazer. Foram esses homens que nos legaram duas guerras mundiais, a ditadura, e o caos terrível do após guerra.

Nós queremos paz, queremos progresso, queremos que os direitos do homem sejam respeitados, queremos um Brasil grande, forte, culto acima de tudo. Nascermos para construir, não para viver emburrados num derrotismo permanente.

E foi assim que eu lhe dei mais um assunto para sua crônica e, mais alguns cruzeiros, é claro.

Até a vista, Sr. V. Cy.
Do admirador

Walter Belda

O que nos legou o “XI Congresso Nacional dos Estudantes”

Francisco de Paula Neves Filho

A faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, mandou os representantes de seu corpo discente ao grande conclave da Mocidade Estudantil do Brasil, cheia de esperanças nos elevados princípios que iriam presidir o magno certame.

O temário apresentado pela Comissão Organizadora do “XI Congresso da U.N.E.”, foi o seguinte:

- 1) Reforma do Ensino Superior.
- 2) Constituição da União Nacional dos Estudantes.
- 3) Programa mínimo administrativo para 1948-49.

O que interessava a todos os congressistas, era inegavelmente o temário do Congresso, uma vez que por ele os nossos trabalhos seriam norteados.

Entretanto, após a sua brilhante instalação pelo democrata Milton Campos, verificamos uma mudança radical em tudo que havia sido previamente estabelecido. Tudo foi mudado.

O dia reservado para a reforma do ensino superior, problema de magna importância, passou sem que a mesma fosse devidamente estudada, debatida e finalmente fosse posta em votação.

Este conclave que tinha por finalidade precípua discutir problemas que interessassem de perto á classe universitária foi desviados seus elogiáveis destinos para ser quase integralmente dedicado á assuntos

Ontem...

Esta localidade (Lobato) do ponto de vista da geologia do petróleo é positivamente desfavorável á presença de hidro-carbonetos.

... O conjunto geo-tetónico desse local é absolutamente negativo... Os elementos técnicos atestam de modo formal a não existência de jazidas petrolíferas no Lobato... Está provado á saciedade a inexistência de depósitos petrolíferos no lugar denominado Lobato na Baía. (Parecer do Ministério da Agricultura dado por Oppenheim no Boletim do Ministério da Agricultura número de abril de 1934).

“Sobre o suposto Petróleo do Lobato as amostras analisadas no Departamento haviam sido enviadas sob a exclusiva responsabilidade do interessado; pelos estudos realizados pelos técnicos do Departamento Mineral não é possível haver petróleo comercial nos terrenos do Lobato, pois, as rochas alí existentes são gneiss”.

(Informação dada no Departamento Mineral por Luciano Jacques Reis, respondendo a um requerimento de pedido de sondas feito por Oscar Cordeiro em 1933).

“O Petróleo do Lobato é um caso de Polícia”. Othar Leonardos em “Ofensiva”

“No Brasil, onde o Petróleo não foi ainda descoberto nem por acaso, nem por exsudação abundante...” “Do Ministro Odilon Braga em “Bases para o Inquérito...”

Hoje...
Estatuto — Entreguista Odilon Braga.

Exército, onde está o teu idealismo? Mocidade que sono é esse? Guatambú das florestas, quando entrarás em ação? Guanxuma dos campos, em que dia te erguerás sob a forma duma vassoura imensa?

Something is Rotten in the state of Denmark...

(Duma página de Monteiro Lobato em “O Escandalo do Petróleo”).

alheios ás suas atribuições, isto é, demagogia político-partidária.

Sentimos ainda, a infiltração de elementos desnorteados por falsas ideologias que procuravam solucionar os problemas apresentados, enquadrando-os nos sistemas falsos aos quais cegamente se apegaram.

Esta foi a dura realidade. As teses, muitas das quais resultado de estudos acurados e cansativos que iriam procurar solucionar problemas verdadeiramente de interesse estudantil, foram postas de lado contrariando assim, a finalidade do Congresso.

Eis porque, somos obrigados a confessar aos colegas da Faculdade de Medicina de São Paulo, que pouco ou nada de útil nos legou o “XI Congresso Nacional dos Estudantes”.